

Universidade ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

ANO II ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ N.º 16

ABRIL DE 1915

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE

*Excerptos dalgumas das lições de
Economia Política do Sr. Dr.
Carneiro de Moura, Professor
da Escola Colonial..... pag. 55*

QUESTIONARIO » 73

VIDA ASSOCIATIVA DA

UNIVERSIDADE LIVRE

*Excursão a Extremoz..... » 75
Excursão à Batalha..... » 75
Visitas de estudo » 75
Balancete do mês de Abril de
1915..... » 76*

LISBOA.

PROPRIETARIO: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: _____

_____ Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia
Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor, que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios

Universidade Livre

Cursos noturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Alemão

Algebra

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

Desenho.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

Excerptos dalgumas das lições de
Economia Política do Sr. Dr. Carneiro
de Moura, Professor da Escola Colonial

I

E' impressionante o registo historico das luctas do homem para conseguir nas sociedades humanas a garantia juridica e a segurança individual.

Quando os barbaros do norte da Europa e do centro da Asia, impellidos pela necessidade, ameaçaram o imperio romano, a principio as hostes romanas puderam resistir ao embate, e assim puderam os proprietarios do imperio ameaçado assegurar a posse dos seus bens. Eram os escravos romanos que trabalhavam a terra, para os seus senhores, os proprietarios privilegiados.

Mas o cancro da escravidão e a molleza dos patricios, tornaram possivel o triumpho dos barbaros. Estes, proseguindo nas suas tentativas para invadirem o imperio romano, entraram de roldão no dominio imperial, quando já os romanos devassos não puderam resistir á avalanche barbara.

E assim os antigos senhores da terra, os antigos proprietarios romanos, passaram de senhores a escravos. Os barbaros foram então os novos senhores, e os romanos livres e vencidos passaram a ser os escravos, com excepção de poucos a quem os barbaros vencedores ainda consentiram que continuassem a possuir algumas geiras de terra.

Foi assim que a terra no conquistado imperio romano do occidente passou a ser ou *allodial* (a que pertencia aos barbaros conquistadores) ou senhorial e *onerada*

(aquela que trabalhavam os proprietarios imperfeitos, os quaes pagavam pesados tributos aos barbaros proprietarios).

Os barbaros a principio contentaram-se em consumir os bens moveis de que se iam apropriando nas suas devastações, mas depressa verificaram que careciam de se defender de novas ordas barbaras que iam tentando, por sua vez, desapossal-os, e invadir o territorio do já conquistado imperio romano.

D'ahi proveio a necessidade que tiveram os barbaros guerreiros de se fixarem á terra, declarando-se senhores d'ela. E como eles eram militares, e como eles tinham uma forte organização militar, chamando-se *dux* o general, chamando-se *comes*, o companheiro do *dux*, chamando-se *vice-comes* o ajudante do *comes*, e *barão* e *sargento* os que occupavam logares ou postos militares inferiores, — tiveram de manter esta organização militar para se defenderem das novas invasões barbaras, e assim a conservavam como proprietarios dos bens *allodiaes*.

Por isso os bens que possuia o *dux* passaram a ter o nome do militar que os possuia, e eram o *ducado*, como se chamou *condado* aos bens do *comes*, e *viscondado* aos bens do *vice-comes*.

Esta organização militar presa á propriedade do solo, mesmo n'aqueles tempos barbaros, estabeleceu uma ordem juridica beneficente, porque, por conveniencia mutua, os barbaros dominadores respeitaram a propriedade alheia assim estabelecida, para manter a organização de que careciam.

Foi com esta organização que os barbaros das primeiras invasões, já fixados no solo, e já constituindo a *nobreza*, servindo-se dos vencidos que trabalhavam como servos nos campos e nos mercados, no commercio e na industria, foi com esta organização que puderam resistir ás devastações de Atila. Os hunos, como depois os arabes, defrontaram-se com tão poderosa organização militar e territorial — o feudalismo.

Mas as necessidades dos povos foram creando a industria e o commercio; e os *nobres* barbaros foram reconhecendo que, para poderem viver, careciam de dar participação nos lucros aos *servos*, e inventaram o contracto da emphyteuse, e foram facilitando a vida aos commerciantes, exigindo-lhes menores impostos e até defendendo-os

quando atravessavam os seus dominios. Os industriaes e os operarios, organisando-se, nas suas artes e officios, chegaram a conseguir a organisação corporativa.

Por sua vez, como os feudaes só se preocupavam com a guerra, e julgavam o commercio, a industria e a agricultura, coisa indigna deles, iam empobrecendo, vendiam as terras a industriaes, sem ver que estes iam enriquecendo, e pela mania belicosa, quando já não tinham extranhos com quem combater, combatiam uns com os outros, entre eles. E os mais poderosos assim se iam fortificando, prometendo auxilio aos que se compromettessem a pagar-lhes tributo, e a prestar-lhes vassalagem. Tal foi a origem da realeza, que proveio do predomínio do mais poderoso dos feudaes dentro duma larga zona territorial. E os *duques* ou *reis* foram alargando o seu poderio sobre os fracos visinhos, com o pretexto de os defenderem; e os burguezes, industriaes e commerciantes, e até os colonos livres, para se libertarem dos seus *senhores*, protegeram também, quando tratavam de realisar o movimento das comunas, o movimento contra a nobreza, em favor dos reis que daqueles se aproveitaram.

As cruzadas também enfraqueceram os senhores das terras *allodiaes*, porque os nobres militares lá foram desvairados até á terra santa, donde não voltavam.

Poderam assim os reis transformar a velha ordem militar dos barbaros nobres em creadagem dos Paços reaes, e a nobreza passa a ser vencida pela burguezia enriquecida. Na Gran-Bertanha ainda a nobreza pode resistir porque os filhos segundos foram bem colocados nas colonias e porque teve o bom senso de dar ingresso na sua cathegoria aos burguezes poderosos e inteligentes. A nobreza defendeu a necessidade dos morgados, para poder manter a sua ordem militar hereditaria, mas quando a Revolução franceza acabou com os morgados, organisando de novo o regimen das heranças e da propriedade, iniciou-se a nova era revolucionaria a que assistimos.

O industrialismo moderno, servido pelos progressos scientificos, deu ainda maior valor economico ao operariado, porque, estabelecida a democracia na ordem politica, os operarios puderam organizar-se e instruir-se, auxiliados pelos intellectuaes. E hoje os operarios como que na sequencia do regimen corporativo das artes e officios

da idade media, levantando-se contra os modernos dominadores, organisam-se no *syndicalismo*, no *trade-unionismo*, no *collectivismo*, e no *anarchismo*, formas varias da grande revolta dos salarizados a que muitos homens da nossa epoca assistem, atonitos, descrentes e scepticos.

O mundo moderno prepara certamente novas formas constructivas, e á actual fásé de negação e de destruição, seguir-se-ha uma fásé de organização e segurança que os espiritos generosos já anteveem e esperam.

II

Os que sustentam que o commercio não é uma industria porque não *produz*, teem uma errada noção do que seja a *produção* em economia politica.

Quando as sociedades humanas viveram na fásé da economia familiar, o commercio não passou do alcance da permuta simples; cada familia esforçava-se por produzir apenas o que para si mesma chegava. E quando alguém *economisava* porque produzia mais do que consumia, graças ás barreiras comunaes ou senhoriaes, e á dificuldade de transportes, dava-se a troca de productos, que mais tarde se fez contra um producto de uso geral — o sal, o trigo, o dia de trabalho, a moeda, emfim.

O commercio começou a ser uma maior necessidade social quando as comunas e os senhores feudaes reconheceram que careciam de permutar os seus productos, segundo a lei da divisão do trabalho e da especificação de funcções. Foi então que se verificou a necessidade de organizar o commercio como industria indispensavel, para aproximar os productores dos consumidores, para desenvolver a profissão commercial no sentido de se conhecerem os centros de consumo e os de produção.

Nesta fásé da economia comunal os commerciantes percorrem as feiras, e vão aos mercados levar productos de comunas distantes, ou comprar os productos dessas comunas. A falta de transportes e de estradas dificulta o commercio nesta epocha; os ladrões e os pesados tributos mais o dificultam ainda. Mas as necessidades sociaes impunham-se, e os senhores feudaes, como os vereadores das comunas, foram reconhecendo que não lhes convinha

evitar o contacto economico com os seus vizinhos, porque era necessario vender o que se produzia a mais, e comprar com tal excesso o que não se produzia e era necessario á vida da colectividade. Dahi a diminuição dos impostos de passagem, a defesa dos transeuntes e as garantias e facilidades aos comerciantes que percorriam as feiras vizinhas. Os comerciantes que se collocavam, com uma banca, no campo das feiras, ali trocavam o numerario das diversas regiões dos feirantes, e quando a *banca* não podia pagar, ficava *rôta*. A *banca* de taes commerciantes passou a ser representada mais tarde nos grandes organismos bancarios da nossa epoca. A *banca-rôta* daqueles commerciantes falidos era como que a banca-rôta dos Estados Modernos.

Mas a vida economica dos povos passou a alargar-se mais. E assim como as comunas deixaram de se fechar dentro das suas barreiras ou territorios, para se entenderem na permuta dos seus productos, assim tambem os Estados Modernos, já organisados pela concentração politica e pela centralisação administrativa, á custa das comunas ou dos dominios senhoriaes vencidos ou associados, foram reconhecendo a necessidade de abrirem as suas fronteiras ao commercio internacional.

O commercio externo toma assim um valor novo e preponderante. Constituidas as nacionalidades modernas, ligadas pela necessidade do internacionalismo, servidas pelo desenvolvimento dos meios de transporte, terrestres e maritimos, o commercio, servido por homens empreendedores, auxiliado pelas instituições bancarias, liberta-se das exigencias do numerario, e assume proporções nunca vistas.

Mas não foi apenas a concepção do internacionalismo que assim tornou grande o commercio. A epoca da Renascença coincidiu com o inicio das grandes descobertas, e as nações colonisadoras, como Portugal, a Hespanha, a Holanda, a Inglaterra e a França, impelidas pelas concepções economicas do tempo, fechadas no regimen da economia nacional, dirigidas pelo preconceito de que só a moeda é riqueza, caíram nos erros do colbertismo. As escolas *mercantil* e *proteccionista*, até auxiliadas pelas doutrinas dos fisiocratas que viam na agricultura a origem exclusiva da riqueza, mais acentuaram, em prejuizo do commercio internacional, o exclusivismo e o regimen do monopolio dos Estados em luta.

Foi a emancipação da Nort'America que trouxe uma orientação nova á politica economica das nações. A Gran-Bretanha verificou que, embora pelo *Acto de navegação* tivesse conseguido dar grande desenvolvimento á sua marinha mercante, protegida pela marinha de guerra, nem por isso os americanos independentes deixaram de desenvolver a sua marinha mercante até ao ponto de ameaçar vencer a ingleza, embora não tivesse a defendel-a uma poderosa esquadra. E' que, pela diminuição de tarifas e abaixamento de fretes, desde que o mar deixara de ser o *mare clausum*, para ser *mare liberum*, guardado pelas esquadras de todas as marinhas de guerra dos povos cultos, qualquer nação poderia engrandecer-se no regimen de liberdade.

E assim foi que a Gran-Bertanha rasgadamente entrou no regimen da liberdade industrial e comercial. Deixou de subjeitar as colonias ao pacto tradicional, e iniciou o regimen da autonomia; abrogou o *Acto de navegação*, e abriu os seus portos ao commercio de todos os povos; aboliu a escravatura para proclamar o regimen da liberdade de industria.

E' que realmente o velho feudalismo territorial tinha cedido o passo ao seu succedaneo — o feudalismo industrial.

Quebradas as barreiras entre as comunas, obliteradas as fronteiras entre as nações, alargada a funcção do numerario pelos bancos de cambio e de emissão, proclamado o regimen da liberdade do trabalho pela Revolução franceza, ampliada a concepção das relações internacionaes e economicas por Adam Smith e Quesnay, estava iniciado o periodo de industrialismo.

Graças ás revoluções politicas e ao grande desenvolvimento das sciencias fisico-quimicas, os inventos alteraram profundamente a vida economica e commercial dos povos.

Depois das guerras da Revolução e do Imperio, depois da conferencia de Viena em 1815, o commercio e a industria entram numa nova fase. Os inventos, graças ás applicações do vapor e da electricidade, transformam os velhos sistemas de producção e de circulação da riqueza. As pequenas oficinas caseiras são substituidas pelas grandes fabricas, onde os maquinismos, pela applicação da lei da divisão do trabalho, alargam e barateiam a producção.

Mas o salariado sofre de diversos modos com a nova época industrial. Sismondi analisa esta nova ordem economica, mas se as maquinas substituem o braço do homem, tambem, pelo barateamento e ampliação da producção, se criam novas necessidades, e com a maior riqueza creada, ha mais trabalho, augmenta o salario e o numero de operarios.

E no entanto o pauperismo augmenta tambem. A assistencia publica na Gran-Bretanha acusa o augmento do numero de pobres a socorrer. As pequenas oficinas cuja direcção era facil, dando lugar ás grandes fabricas, movidas por dispendiosissimas maquinas, exigem dirigentes tecnicos, de cuidada selecção. Os operarios que dantes podiam adquirir os simples instrumentos de trabalho, como não podem agora adquirir as maquinas caras, ficam sem a propriedade dos instrumentos de seu trabalho, dirigidos por tecnicos muito bem pagos, assalariados segundo a *lei de bronze*, por todo o preço, pois que as grandes industrias passam a impôr condições. E' o aspecto terrivel da lei da oferta e da procura.

Por tal modo os senhores grandes industriaes passam a succeder aos grandes senhores feudaes, com uma differença:—que os feudaes tinham necessidade economica de sustentar e conservar os servos da gleba, e os industriaes, modernos feudaes de grandes fabricas, não teem que sustentar os operarios assalariados, que pagam pelo salario, ás vezes inferior ao minimo das subsistencias.

Tal a razão da grave crise que atravessa o mundo moderno, e que atinge directamente o progresso commercial dos povos.

Os economistas classicos como J. B. Say, Rossi, Bastiat, Mac Culloch, fechados no seu gabinete, consideraram os movimentos dos operarios e dos seus defensores, como charlatanismos perigosos. Mas hoje tudo mudou. Karl Max e Lassalle analisaram os fenomenos economicos, e ficou demonstrado que ha uma sciencia economica a constituir, baseada na natureza social do homem, tendente a indicar como se póde diminuir a miseria dos trabalhadores, pelo augmento da producção socialisada e pelo incremento do commercio entre todos os povos.

III

A moderna sciencia economica considera de grande alcance scientifico o estudo das condições em que se desenvolve o sentimento artistico, e por isso é um dos capitulos mais importantes da Economia Politica o que se ocupa da investigação do valor das bellas artes, não só como manifestação de riqueza, mas principalmente como agente da educação.

A filosofia da arte está por fazer porque a filosofia da existencia ainda jaz no misterio das origens.

Sabe-se que os artistas repercutem o sentimento colectivo da civilisação em que vivem. A filosofia grega, idialista com Platão, sensualista com Aristoteles, originou a arte da Hellada, euritmica, nobre, solene e equilibrada. O paganismo romano explica a arte que o povo-rei creou, pantheista como a poesia virgiliana, altiva como as figuras arrancada aos escombros de Pompeia.

O genio pagão do Lacio trasvasa-se na arquitetura equilibrada, sobria e medida do estilo romanico.

O epicurismo grego, o estoicismo romano, o ascetismo medieval, o imperativo categorico kantiano, o utilitarismo de Bentham, o pessimismo de Schopenhauer, explicam as razões por que a pintura foi na Grecia idealista, em Roma naturista; na idade media mistica e macerada, na Germania formalista, na Gran-Bretanha fria e artificial, e desequilibrada nos povos modernos atingidos pela nevrose do mal de viver. Mas não são influidas por igual as bellas artes, creadas dentro de determinada civilisação.

No seculo XI da nossa era ainda se construíam egrejas romanicas, e já o sentimento medieval tinha atingido o maximo grau. E', entre as belas artes, a poesia, ainda antes da musica, a que primeiro recebe a influencia do meio pela sua rapida idialisação e implasticidade.

Depois entre as artes plasticas é a pintura a arte que mais rapidamente recebe as influencias mesologicas. A seguir vem a escultura e por ultimo a arquitetura. Homero é o poeta que pode exprimir toda a grandeza da civilização hellenica, compreendida no ambito da sua filosofia; Virgilio é o poeta pagão digno do poder romano de Cicero e Julio Cezar, dentro dos titanicos embates do patriciado e da plebe. E quando a revolta dos escravos engrandeceu a missão de Jesus da Galileia, o

espírito cristão deu á arte a feição mística e delicada que tornou extraordinario o poder artistico da Renascença. Os pintores e os escultores da civilisação classica, tendo uma compreensão da vida excessivamente objetiva, deram ás suas figuras um delineamento forte e convencional. A eurytmia caracteriza a arte grega, que é equilibrada e convencional como a politica ideal de Platão, forte como os heroes de Maratona.

A Venus de Milo pode não ser a cinzelação exata dum corpo de mulher, mas é visão sadia dum grego, que educa a geração forte de Sparta segundo os preceitos de Aristoteles. Quatro seculos depois que a igreja das catacumbas enalteceu o espírito macerado dos humildes, os barbaros do norte da Europa e do centro da Azia apoderaram-se do imperio romano. Os sofrimentos que durante dez seculos atormentaram a velha Europa são registados num ciclo tenebroso e lendario que termina com o acordar da Renascença. Tudo então reaparece. Aristoteles com S. Tomás de Aquino, Homero com o Dante, Virgilio com Ariosto, Apeles com Rafael. A cidade antiga, a comuna romana, surge nos municipios medievaes; a plebe romana reaparece no colonato do seculo xiv. Mas dez longos seculos de sofrimento e de lutas, chocados na crença do ceu e no temor do inferno, através o acetismo cristão, teem transformado a crença e a arte. O mundo está transformado, e a visão dele, passando pela retina dos artistas da Renascença, é bem diferente do que fôra para os artistas da Grecia e de Roma. E' ver os quadros dos pintores do seculo xv. Ha nas suas figuras a grandeza solene e academica da arte grega, mas ha mais: ha dez seculos de sofrimento que fizeram da filosofia de Platão a crença filosofica de Dumas Scoto. As madonas de Rafael teem alem da eurytmia da arte grega, o sofrimento e a resignação do acetismo cristão; são maceradas, contemplativas e absortas na bondade infinita de Deus. Os pintores da epoca, até quando trazem para os seus quadros as figuras da mitologia ou do periodo classico, imprimem-lhe o vinco macerado, dão alma ás personagens da sua tela. Ha a visão psicologica dos assuntos, o que os classicos não tinham sabido fazer, porque viveram noutra civilisação.

A Renascença é o reaparecimento do mundo classico, passado atravez a visão medieval, germanica e cristã.

E o que é a arte? Só o poderá bem dizer quem saiba o que é a vida, e ainda ninguém jamais soube dentro da especulação filosófica e científica, o que a vida seja.

E' o espirito humano capaz de possuir a verdade objectiva? Os sceticos não o creem, e em todo o caso a verdade objectiva, passada para o espirito de cada um, é tão variavel nas suas modalidades como as idiosincrazias.

Por isso a obra d'arte é antes de tudo um producto pessoal, revelador dum estado d'alma, embora este reflita o estado coletivo da civilisação. Cada um de nós vê o mundo exterior conforme o seu estado mental, proveniente, do meio actuando fixa ou transitoriamente. Cada civilisação, cada povo, cada sexo, cada individuo, vê o mundo, vê os objectos e as pessoas, as instituições e a vida, de diferente modo. Ha povos sem sentimento artistico, como os antigos mexicanos, que, apesar de possuidores duma interessante civilisação, nunca souberam trabalhar uma estatua ou delinear um quadro apreciaveis, faltos do senso da exteriorisação, senão faltos do senso vivaz da percepção externa, o que nós exprimimos pela falta de bom gosto.

Os gregos, ao contrario, souberam aproveitar melhor que nenhum outro povo, o som, a côr, o movimento, para combinações de arte delicada, d'uma eurítmia perfeita.

A arte baseia-se na natureza, e é a sua representação conciente pelo som, pela côr, pelo movimento, pela forma.

Só o homem é um ser artistico, porque só o homem tem o poder de manifestar pela elocução ou pelo desenho, pela côr, pelo movimento, e pela materialisação, as belezas que o seu bom gosto descobre na natureza, passadas para as idealisações do espirito artistico. E' o poder da imitação que torna possível a arte. O poeta exprime pela linguagem em formas belas as idealisações da sua emotividade; o musico exprime pelos sons os sentimentos delicados que a natureza lhe inspira; o pintor traduz e imita nos seus quadros pela côr, pela composição engenhosa, pela tecnica das perspectivas, pela idealisação do assunto, pelo imprevisto dos efeitos, pela transparencia atmosfeérica, pela evocação historica, pelo vigor visual dos obje-

ctos pintorescos, as formas imitativas da natureza, inspirado ora no modismo do seu tempo, ora na tradição histórica, ora no amor, ora na admiração e no encanto, e sempre na atração para o assunto surpreendente. O escultor, modelando as formas, não tem a côr para dar vida às suas criações, mas tem o relevo inteiro e material a seu favor, sem carecer das perpectivas, dos claros escuros, dos fundos apropriados e da técnica de colorir, de sombrear e de destacar.

Quanto mais culto é o homem mais nele se desenvolve o bom gosto, resultado psicologico a que se chega por um processo educativo longo, fixado pela hereditariedade.

Os grandes dominadores que a historia regista cortejaram os artistas, por serem os seus melhores auxiliares. E' que os tiranos para dominar carecem de suggestionar as massas populares. Semiramis para governar e ofuscar careceu dos arquitetos que lhe construíram os jardins suspensos de Babilonia. Os Pharaós construíram as pirâmides com o trabalho dos escravos para darem aos povos dominados a impressão da sua imperecível grandeza. Pericles adorna o seu palacio e os templos gregos com a requintada e deslumbrante arte helenica, para afirmar o seu estonteante poderio. E' na Roma imperial que aparece o concurso da grande arte romana para auxiliar o poder dos Cezares.

E os feudaes da idade media, como os dominadores habéis dos tempos modernos, como os papas da Renascença, acolhem os artistas para que as cathedraes, os palacios e os monumentos afirmassem o imperecível poder da sua soberania fascinadora.

A Renascença, graças ao concurso filosofico, religioso e industrial que a tornou possível, servindo-se da arte greco-romana, inspirando-se na arte gotica tão propriamente religiosa nas suas formas mysticas que a elevava ao ceu na materialisação augusta das suas construções, originou as grandes formas da poesia de Camões, da pintura de Rafael, da escultura de Miguel Angelo. E quando os portuguezes e os hespanhoes tinham descoberto o mundo, foi então, possível a concepção geral, histórica e geográfica da terra.

A arte toma então novos ambitos, porque a visão filosofica se alargara. O espirito humano recrudesce de

valor e de audacia. São então possíveis os grandes poemas como os *Luziadas*, e as grandes telas de larga composição intencional e de impressionante belleza, de côr e de intenção, vistas sob a influencia duma estranha luz. Os homens da Renascença são altivos e grandes, por isso grande é a arte daquele periodo que inicia a grandeza e as lutas dos tempos modernos. Estava o homem de posse da terra, mas com o alargamento dos conhecimentos humanos tudo se transforma, e a arte cede ás novas correntes.

A civilisação que até ali se confinara na bacia mediterranea, desloca-se para o centro da Europa onde, antes dos modernos progressos da industria, não fôra facil a vida. Mas no seculo XVI tudo muda. As novas correntes mercantis do mundo, pela descoberta da America e do novo caminho da India, pelo desenvolvimento das sciencias e das artes, fixam o maior cultismo no centro da Europa. Veneza, Lisboa e Sevilha, emporios mercantis, dão logar a Antuerpia e Rotterdam. E as belas artes que sempre acompanham o cultismo e os progressos humanos, florescem agora intensamente na Flandres, depois que Rubens foi a Roma colher a inspiração artistica, como os navegadores flamengos tinham vindo a Lisboa aprender a arte de navegar e commerciar. Esta deslocação da civilisação, do meio dia para o centro da Europa é o facto culminante dos seculos XVI e XVII. A aspereza do clima, a rigeza dos temperamentos e dos carateres das raças nordicas, estimulado o trabalho, dão á civilisação moderna o valor maior dos povos do centro da Europa, revelados numa tenacidade nunca vista. A arte repercute este estranho e grandioso movimento. Goethe é o seu alto poeta, como Rubens é o seu genial pintor.

Nasceu Rubens em 1577, em Siegen, duma familia de Antuerpia d'ali fugida por motivos religiosos. Estudou direito e depois dedicou-se á pintura sob ás lições de Otto Vaenius. Em 1600 visitou a Italia e residiu sucessivamente em Roma, Florença, Mantua e Genova. Voltou a Flandres em 1610 precedido duma grande reputação. O seu genio artistico inspirando-se na arte italiana, levou do meio dia para o centro da Europa a manifestação estetica das novas correntes da civilisação. O arquiduque Alberto chamou-o a Bruxellas, e Maria de Medicis convidou-o para ir a Paris. Os politicos sempre se interessaram

pela arte para dar maior grandeza e brilho ao seu poder. O palacio do Luxemburgo foi em 1620 decorado pelo genial pintor.

Foi Antuerpia a habitação preferida de Rubens, e nas egrejas esplendidas desta cidade flamenga ficaram signaes indeleveis do seu genio. O arquiduque Alberto, governador dos Países Baixos, comulou de honras o grande pintor flamengo; a infanta Isabel, mulher do arquiduque, deu lhe fóros de nobreza, e chegou a ser incumbido de missões diplomaticas nas cortes de Jaime I de Inglaterra e de Filipe IV de Hespanha. Rubens morreu em 1640, possuidor de grande fortuna. As suas obras elevam-se a 1.300. Pintava com igual valor motivos historicos, retratos, paisagem, flores, animaes. Mas as suas principaes obras são de assuntos religiosos. E' admiravel em Rubens o vigor do seu pincel, a magia da côr, a grandiosidade dos efeitos, o entusiasmo e a variedade da composição. Os que o censuram do abuso da alegoria e da junção do sagrado com o profano esquecem-se da sua época e do poder de simbolisação do pintor. Os seus discipulos Van Dyck, Jacob Jordans, Danellyn, Teniers, são afirmações que justificam a estatua que Antuerpia lhe erigiu. Seu filho, Alberto Rubens, honrou o pae como historiador. Entre os quadros celebres de Rubens ha dois da sua primeira mulher, e seis de Helena Fourment que foi a segunda mulher do grande pintor flamengo. Rubens que foi tão notavel no retrato como nos quadros historicos, revela nos retratos das suas mulheres qualidades de amoroso, pela gracilidade das linhas, pela expressão viva e doce do olhar, pela frescura das carnações, pela pureza das linhas com que retrata a carne e a alma das que foram seus amores. São assim os verdadeiros artistas, sempre presos ao amor da mulher, embora incertos e moveis nas suas afeições pessoaes. Os sentimentos delicados de familia ainda se revelam em Rubens no retrato dum seu filho que está no muzeu real de Berlim, onde a creança, dum colorido fulvo, dum relevo exacto e flagrante, e duma infantilidade que impressiona, brinca com uma ave irritada. E' duma verdade singela e flagrante o lindo quadro onde o artista põe todo o seu amor de pae. E' que a arte só é grande quando visionada e exteriorisada pelas almas delicadas. Rubens pintava creanças, mulheres e flôres com sensibilidade impressionante, digna dum

chefe de escola. Artista e diplomata, o retrato de Isabel de França, rainha de Hespanha, é perfeito na pureza das linhas, no rigor do desenho, no destaque das formas, na fluidez das roupagens, no sedoso dos cabelos, no brilho do olhar, na transparencia da pele, e no esfuseado digital galante das mãos lindas da regia personagem. O retrato de Ana de Austria, rainha de França, que está no Louvre, é igualmente belo, realçado pela vaporosidade das rendas e pelo brilho das pedrarias, destacado dum magestoso fundo onde se vê, na meia luz, o esplendor arquitetónico da arte grega. A cavalaria medieval significou-a Rubens no belo retrato de Carlos o Temerário que está na galeria imperial de Viena. A máscara, de linhas rígidas, do poderoso feudal, tem a serenidade senhorial condizente com a armadura que lhe cobre o corpo em reflexos metálicos, dignos da grande arte do príncipe dos pintores flamengos.

Rubens sabia equilibrar os desenhos das suas telas cuja composição é sempre harmonica, bem procurada, pela combinação delicada dos tons, das cores e da luz. Os retratos do imperador Maximiliano I e de Maria de Medicis (que está no muzeu do Prado) são a prova do cuidado do artista em procurar pelo colorido dos fundos e pela disposição das roupagens e das atitudes uma impressão de agrado, de harmonia, de doçura e de verdade.

A *Toilette de Venus* é um estudo impressionante pela verdade anatomica e pela suavidade da luz, onde a sensibilidade pagã do grande flamengo se expandiu na meiguice do olhar, na luxuriante beleza das curvas e na macieza dos cabelos da Deusa do amor. Na tela *Uma caçada ao Leão*, Rubens mostra-se possuidor da tecnica das grandes composições movimentadas.

O espirito classico, por invocações historicas aparece no *Triunfo do Vencedor* onde o vigor e colorido são inexcediveis; na *Grinalda de Frutos*, Rubens pinta a natureza morta com o mesmo cuidado e verdade com que dá alma ás suas creações psicologicas. E os assuntos religiosos, tão proprios da sua epoca, tratou-os o grande flamengo com uma rara revelação do seu genio. A *Virgem e o Menino Jezus* que está em S. Petersburgo é uma madona macerada, duma infinita ternura maternal, destacada dum fundo sombrio de amor e amargura.

Jezus Crucificado pol'o Rubens com surpreendente arte na cruz do indizível sofrimento. As suas telas são um poema. Pela palavra nenhum grande artista poderia revelar melhor a tragedia do Golgota. E' ver o *Consumatum est* e o *Descimento da cruz*. A *Virgem rodeada dos Santos* é uma grande tela de larga e complicada composição onde as figuras do primeiro plano são vistas sob uma exatidão que contrasta artisticamente com o vago e indeciso das figuras diminuidas e distantes sob uma ofuscação de luz fantastica e celeste. A mesma impressão nos deixa o *Grande julgamento final* que Munich guarda como uma preciosa joia da arte flamenga.

No genero historico, Rubens tem pela especial cultura do seu espirito, a compreensão exacta das personagens e da sua epoca. «Henrique IV partindo para a guerra da Alemanha» é um primor de perspectiva, de harmonia e vigor de conjunto, e de luminosa verdade historica, como o é a tela do «Bispo Ambrozio», onde as roupagens aurilusentes contrastam com as clamides dos guerreiros, vistas atravez um fundo caliginoso e uma pesada atmosfera de castigo celeste.

E como o espirito artistico que a Renascença iniciara ia ligando as epocas historicas para dar lugar ao romantismo pelo valor da tradição, Rubens compoz «Diana voltando da caça» com um impolgante evocação mitologica.

Mas as suas figuras são suaves como as mulheres do Escalda, e as carnes de Diana foi procurá-las ás mulheres que o pintor amara. «Ajax e Cassandra», «Castor e Polux», «Andromeda», são os motivos classicos que levaram o pincel de Rubens a pintar os mais lindos olhos e as mais graciosas curvas de formas de mulher que ainda o mundo grego poude imaginar. A visão suave dos logares onde o pintor amou e sofreu deu-no-la ele nos quadros como a «Vista de Stein» (que se encontra na galeria nacional de Londres), «O pôr do Sol», o «Inverno», o «Arco Iris» e a «Quinta Lacken». Com que infinita ternura o pintor nos põe em contacto com as alamedas do seu sonho, com as raparigas das aldeias nordicas, rubras e saudias, com as belezas da vida singela dos campos, em toques deliciosos de largas composições, vistas com amor, em manchas vagas e distantes, ou em grupos campezinos tangendo os gados sob a atmosfera cristalina e fria da zona flamenga!

E foi este grande genio artistico que correspondeu á maior expansão da cultura mediterranea derivada para o centro da Europa, e por isso com os seus discipulos formou a chamada escola flamenga que na historia corresponde ao movimento historico de que posteriormente Goethe é a maior expressão na poesia.

Teniers, o Velho, nascido em Antuerpia em 1582 e morto em 1649 foi um dos notaveis discipulos de Rubens, que, como o mestre, foi a Roma colher a inspiração artistica.

Ao tempo o pintor Elzheimer, correspondendo ao espirito de analyse e realismo que na filosofia, na sciencia e na arte se ia desenvolvendo, pintava em Roma com talento pequenas figuras colhidas da realidade, sarcastica ou iriada. Foi com tal pintor que o discipulo de Rubens conviveu na cidade eterna durante dez anos. E Teniers, o Novo, filho daquele discipulo de Rubens, insistindo na maneira pictural de seu pae, e excedendo-o em espirito creador, foi mestre de João d'Austria e atingiu uma rara perfeição nos quadros chamados *de genero*. Produzia com rara rapidez e ganhou uma grande fortuna. Deste pintor existem no Louvre «O Filho Prodigio», «Tentação de Santo Antonio», «O Fumador» e outros quadros de assinalado valor de observação, aprimorada tecnica e originalidade de composição.

Mas é Van Dyck o maior dos discipulos de Rubens, entre esses artistas que no centro da Europa assignalaram no seculo XVII a grande expansão do moderno cultismo.

Van Dyck nasceu em Antuerpia em 1599, e morreu em Londres em 1641. Este grande pintor viajou em Italia, na Hollanda, em França e na Inglaterra, onde foi chamado por Carlos I em 1632, e ali terminou a sua gloriosa existencia.

Decahido o gosto pelo genero historico, em que aliaz quasi igualou Rubens, abandonou aquele genero e dedicou-se ao *retrato*, genero este em que foi verdadeiramente notavel. Produzia com rara facilidade, sob a acção da inspiração e do genio, servida por uma cuidada educação tecnica. E' mais idealisata que Rubens; a sua maneira de pintar é porventura mais graciosa e fina, mas a obra de Van Dyck tem menos unidade que a de Rubens. Conhecem-se de Van Dyck mais de 70 quadros de historia, e o

numero dos seus retratos é incalculavel. Este extraordinario pintor chegava a pintar varios retratos num só dia.

Van Dyck gravou a agua forte, por maneira muito pitoresca, varios retratos de grande valor. Com o mesmo nome, ha ainda um pintor chamado o Pequeno Van Dyck, nascido em Amsterdam (1680-1752), conhecido pelos seus bons retratos e quadros de genero duma execução excessivamente minuciosa e duma côr falsa de marfim. Este pintor enriqueceu como comerciante de quadros.

De Van Dyck, o grande, existe em Munich um retrato de sua mulher, cuja candura feminina é um encanto de expressão e sentimento. São muito conhecidos os variados retratos de Carlos I, o desastrado rei britanico morto pela revolução de Cromwel, e que o pincel de Van Dyck tratou com tanta graça como firmeza. Foi um pintor cortezão da Gran-Bretanha, mas as suas tintas pintando façanhas, retratando reis, principes, lords ou creanças, nunca tinham tanta expressão como quando exprimiam na tela uma alma de mulher. O retrato da condessa de Southampton é duma graciosidade encantadora.

E no genero religioso, o *Repouso no Egypto* onde ha uma Virgem de original composição, é uma obra prima em que o poder artistico de Van Dyck assume raras proporções pelo fundo translucido da atmosfera e pelo delicado delineamento das figuras. A *Cabeça da Virgem* que existe em Florença está tocada por uma sublime inspiração.

A *Virgem e Jezus, Christo curando um enfermo*; O *Ecce Homo* e *Christo na Cruz* são quadros em que Van Dyck a par duma larga composição, revela um sentimento indisivel de religiosidade, em moldes duma tecnica inexcédível. O *Christo Pranteado* onde ha figuras de mulher lindas como Magdala é um quadro imorredoiro digno do filho de Maria que perdoou á mulher arrependida pelo muito que tinha amado. S. *Sebastião*, A *Incredulidade de S. Thomé*, os *Pecadores Arrependidos* são altas creações piedosas de grande arte religiosa. E o quadro de grande composição *Sansão e Dalila* é uma obra prima em que as figuras, pela sua posição, pela exacta perspectiva, pela vida que o pintor lhes imprimiu, a tornam um dos maiores valores artisticos que a galeria imperial de Viena contem e ostenta.

Mas a rara elevação que a arte atingiu no seculo XVII ia decair. No seculo XVIII e ainda no seculo XIX o estilo *barroco* e *rocóco*, na pintura, na escultura e na arquitetura, correspondeu á aridez formalista da literatura da mesma epoca, proveniente da centralisação politica dos Estados e da ancia desordenada de enriquecer.

Depois veio a reacção romantica, servida pela filosofia que ensinou como os povos vivem pela tradição. E' ainda nos povos do centro da Europa que se originou o romantismo. Os povos germanicos, evocando as lendas da Floresta Negra e da Scandinavia, e as façanhas de remotas eras ou a vida singela dos povos simples, crearam uma arte apropriada.

E' o romantismo em plena voga. Os poetas sonham com mulheres, visionadas no castelo roqueiro onde governou o feudal avassalador, ou com as mouras encantadas na escarpada da montanha, batida pelo sol esplendido de Allah.

E os pintores exprimem pela côr o que os poetas tentam significar pela linguagem. E' uma epoca de estonteante evocação do passado, preparada já no periodo em que Rubens foi grande pintor.

O realismo vem do romantismo; é a sua forma material e descriptiva. E quando da grande luta de ideias em que se debate a sociedade contemporanea, anarquica, sceptica, torturada e incerta, sae a arte moderna, esta outra coisa não pode ser senão a expressão desequilibrada e nervosa do sentimentalismo doentio do nosso tempo.



: Questionario :

QABEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao **BOLETIM** e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Perguntas:

59 — **Seguros de vida** — Tendo efectuado um seguro de vida numa das nossas Companhias, e tendo necessidade, por circunstancias da minha vida, de rescindir o referido contrato, estranhei bastante receber da Companhia a titulo de resgate da apolice uma importancia relativamente muito inferior ao total dos premios que já havia pago. Escusado será dizer que me penalizou sobremodo uma indemnisação tão fraca, mas como tenho as melhores referencias daquela Companhia, creio que ela usou de processos correctos. Como simpatizo com a instituição do seguro de vida e não desejo ficar mal impressionado com esta operação, poderia algum digno associado elucidar-me sobre as regras que as Companhias seguem para o calculo do resgate das suas apolices? — *Socio n.º 3527.*

Respostas:

Á pergunta n.º 59 — **Seguros de vida** — Estando um dos membros da Direcção em condições de satisfazer a esta pergunta segue já a resposta á mesma.

E' uma ideia erronea a de se julgar que uma Companhia de Seguros de vida, deve restituir aos segurados que desistem dos seus contratos, a importancia dos premios com que entraram para a Companhia desde a sua admissão; subsistem no mesmo erro os que julgam que a importancia dos resgates devia ser o mais possivel equivalente á soma dos mesmos premios pagos.

Quando se trata de seguros terrestres, agricolas ou maritimos ninguem se lembra de exigir qualquer indemnisação quando rescinde o seu contrato; o mesmo se observa nas associações de soccorros mutuos, onde qualquer socio que saia, perde todas as garantias e sem direito

a reclamar a minima parte se-
quer das suas cotas.

Entretanto, como nos seguros
de vida em caso de morte, já al-
guma indemnização se concede,
entendem os interessados que
tudo se devia conceder. Eis um
erro em que muita gente cai, por-
que muita gente ignora a tecnica
do seguro de vida.

Expliquemos, pois, os factos
para que sobre eles todos os lei-
tores do nosso boletim possam
formar um juizo seguro.

A base do contrato de seguro
é a existencia do risco; sem risco
ou sua presunção não pode ha-
ver seguro.

As sociedades seguradoras,
portanto, aceitando a responsa-
bilidade de um determinado ris-
co, ficam no direito de pedir ao
segurado o premio correspon-
dente. Mas, para a industria de
seguros ser solida e tecnicamente
explorada, deve, em qualquer
altura da duração do contrato,
subsistir sempre a perequação
entre o premio e o risco.

Daqui provem, portanto, a ne-
cessidade de estabelecer um pre-
mio constante para um risco cons-
tante e um premio variavel para
um risco variavel. Dos riscos
constantes, temos exemplos nos
seguros contra incendio e dos ris-
cos variaveis, oferece-nos exem-
plos frisantes o seguro de vida.

Por este facto os premios para
os seguros de vida deviam ser
variaveis, mas como a pratica
consagrou o sistema dos premios
constantes como sendo o mais
conveniente para o segurado, ne-
cessario se tornou adoptar esta
exigencia da pratica com a natu-
reza essencialmente variavel do
risco nos seguros de vida.

O risco é pequeno nos primei-
ros anos dum contrato de seguro
de vida em caso de morte, mas é
maximo nos ultimos anos; sendo

o premio constante e correspon-
dente á média dos riscos corri-
dos, ele será exagerado nos pri-
meiros anos e insufficiente nos
ultimos. Devido a este artificio o
total dos premios é equivalente
ao total dos riscos para toda a
duração do contrato, mas des-
aparece a perequação entre risco
e premio, considerados para cada
ano do contrato.

Daqui provem a necessidade
de as companhias reservarem a
parte que arrecadam a mais nos
premios que recebem nos pri-
meiros anos, para fazerem face
á insufficientia dos ultimos anos.

Deste excesso, cedem uma par-
te ao sagurado quando ele res-
cinda o contrato e pela propria
origem que deixamos assinalada
a esse excesso, ele nunca poderá
aproximar-se muito dos premios
pagos a não ser nos ultimos anos
dos contratos e ainda assim só
para certas categorias de seg-
uros.

Em face destes esclarecimen-
tos não estranhará agora o digno
associado que o resgate do seu
contrato fosse uma soma relati-
vamente pequena. — *Socio n.º*
116.

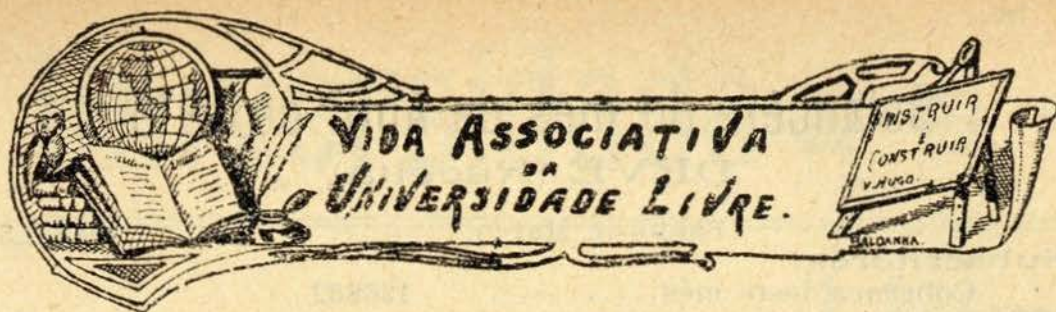


**A' pergunta n.º 52 — Telegra-
fia sem fios** — Os livros mais
praticos tratando de T. S. F. são
os seguintes: Radio-telegrafia de
Henrique Vasconcelos (Mariote)
— Il Telegrafo senza fili-sistema
marconi — de Angelo Banti e T.
S. F. de Tissôt.

E' possivel com uma verba
relativamente pouco dispendiosa
obter uma modesta instalação
recetora de ondas hertzianas,
unica que a lei permite.

Actualmente, devido á guerra
europêa, é que a despeza com a
compra dos aparelhos recepto-
res será mais elevada.





Excursão a Extremoz

UM grupo de doze socios da Universidade Livre organizou uma excursão á pitoresca vila alemtejana de Extremoz. — Os socios podem aproveitar-se da redução feita nas tarifas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste aos membros de associações artisticas literarias ou scientificas. — Todos os associados que tomaram parte nesta excursão, ficaram encantados com a viagem feita e chegando a Vila Viçosa enviaram um telegrama de saudação ao Conselho Administrativo.

Excursão á Batalha

POR motivo das proximas eleições, viu-se o Conselho obrigado a transferir para o dia 4 do proximo mez de Julho, a Excursão á Batalha. Todos concordarão com esta transferencia, pois que haverá tudo a ganhar, em se fazer a excursão numa época socegada e livre dos sobresaltos de qualquer comoção politica. Pelo interesse que tem havido na procura de bilhetes é de esperar que esta excursão exceda

o brilho das anteriores o que será mais um motivo, para não desanimarmos na organização das futuras.

Visitas de estudo

EM vista de estar proximo o encerramento das aulas do corrente ano lectivo e de se fechar a serie de conferencias devido ao calor que começa a apertar, resolveu o Conselho promover visitas de estudo a museus, monumentos e estabelecimentos industriais.

Espera o Conselho que todos saberão secundar o esforço que emprega, para que resultem proficuos os varios meios de que lança mão para difundir a instrução pelas classes menos illustradas. Ha instalações fabris, que despertam aos visitantes a curiosidade de conhecer as forças da natureza que o homem consegue subjugar e os meios de que ele se serve para esse fim. E' na industria fabril onde principalmente mais se observam os arrojos da intelligencia humana. O Conselho Administrativo, portanto, vai procurar conseguir as necessarias licenças para se effectuarem essas visitas.



Balancête do mês de Abril de 1915

DEVE (Receita)

	Saldo de Março	124\$32,5
Subscritores:		
	Cobrança deste mês	136\$52
Efectivos:		
	Idem, idem	13\$00
		149\$52
Publicações:		
	4 livros de inglês	1\$20
	Lições de inglês	\$40
	Lições de francês	2\$72
		4\$32
Devedores & Credores:		
	Ant.º Manuel Rodrigues, recebido	1\$50
	Maximiano S. Rodrigues, idem . . .	4\$22
		5\$72
Subsidios:		
	Da Assistencia—Março	15\$00
	Da Camara Municipal—Abril	20\$00
		35\$00
Matriculas:		
	Deste mês	\$60
Cartões de identidade:		
	Vendidos	1\$40
Gastos gerais:		
	Recebido — Consumo d'electricidade neste mez	1\$50
		198\$06
		<u>322\$38,5</u>

HAVER (Despeza)

Rendas:		
	Mês de Maio	35\$00
Publicações:		
	Lewtas & Taboada, livros d'inglês	3\$60
	Livraria Ferreira	\$16
	Eduardo Rosa	24\$90
	Mauricio & C. ^a	24\$90
		53\$56
Propaganda:		
	Borges & Carvalho, clichés	4\$84
	Idem, desenhos	6\$30
	Lamas & Franklīm, c/ de Março . .	7\$70
	Idem	7\$20
		26\$04
Moveis & Utensilios:		
	Por 3 caixilhos para estantes	32\$50
	Concerto de carteiras	1\$70
		34\$20
Percentagens:		
	Aos cobradores	11\$41
	Cobrador do Funchal	\$42
		11\$83
Despesas gerais:		
	Neste mês	52\$57
		213\$20
	Saldo para Maio	<u>109\$18,5</u>